

ENTREVISTA

O SUCH - Serviço de Utilização Comum dos Hospitais é uma instituição criada em 1966. Pode falar-nos um pouco da sua missão e principais atividades desenvolvidas desde então?

O SUCH, desde 1966, tem sido uma referência marcante no setor da saúde em Portugal, ainda que, ao longo dos quase 56 anos de percurso, tenha evoluído na sua configuração. Não obstante essa evolução, procurou sempre manter intacta a visão do seu fundador e primeiro Presidente, o Professor Coriolano Ferreira, um homem muito à frente do seu tempo, que acreditava que as instituições prestadoras de cuidados de saúde, públicas ou privadas, deveriam libertar-se da gestão de atividades que não constituíssem a sua função principal, devendo, antes, centrarem a sua atenção naquela que era – e é – a sua razão de ser: a prestação direta de cuidados de saúde.

O SUCH nasceu, então, com a missão, que ainda hoje conserva, de realizar atividades de interesse público de prestação de serviços comuns aos hospitais nas áreas instrumentais à atividade da prestação de cuidados de saúde, contribuindo para o aumento da eficácia e eficiência do sistema de saúde.

Já viveu com vários modelos estatutários que, embora diferentes, nunca se afastaram, no

essencial, desta missão, sempre em respeito pela sua matriz original, ainda que adaptando a resposta, de acordo com as necessidades que, em cada momento, foram sendo ditadas pelos Associados ou pela sua Tutela. Atualmente centra a sua atividade em 4 clusters:

1) SUCH Engenharia – atuando nas áreas da Manutenção de Instalações e Equipamentos; da Energia; de Projetos e Obras; de Segurança e Controlo Técnico

2) SUCH Ambiente – atuando nas áreas da Gestão e Tratamento de Roupas Hospitalares; da Gestão e Tratamento de Resíduos Hospitalares; da Gestão e Reprocessamento de Dispositivos Médicos e da Gestão e Limpeza Hospitalar

3) SUCH Nutrição - atuando na área da Alimentação Hospitalar e

4) SUCH Serviços - atuando nas áreas da Gestão de Parques de Estacionamento; da Gestão de Serviços de Transporte; da Gestão de Arquivo e Armazéns Centrais e da Metrologia.

Por último, é ainda importante destacar uma outra característica que esta Associação tem conservado desde a sua constituição, que é o seu posicionamento enquanto recurso facultativo, e nunca obrigatório, deixando na esfera da discricionariedade dos Associados a opção de chamarem, ou não, o SUCH.

“AO SUCH COUBE A RESPONSABILIDADE DA LOGÍSTICA (SUPERVISIONADA PELA DGS E PELO INFARMED), E QUE INCLUI AS FUNÇÕES DE PLANEAMENTO, AGENDAMENTO, ARMAZENAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DAS VACINAS, ATRAVÉS DAS MELHORES TÉCNICAS DA LOGÍSTICA MODERNA”



PAULO SOUSA

Presidente do Conselho de Administração do SUCH - Serviço de Utilização Comum dos Hospitais

Desde novembro de 2020, o SUCH é uma das entidades que integra a *task force* responsável pelo Plano de vacinação contra a COVID-19 em Portugal. O SUCH, sob a liderança do INFARMED, colaborou ativamente na preparação do plano logístico para a vacinação contra a COVID-19. Qual foi o envolvimento do SUCH neste processo, nomeadamente no que concerne ao armazenamento e distribuição das diferentes vacinas?

O SUCH, desde cedo e mesmo antes das vacinas contra a COVID-19 serem aprovadas pela EMA, preparou-se no sentido de antecipar o que seria necessário, para uma resposta estruturada às potenciais exigências logísticas (quer de armazenamento, quer de transporte a frio), de modo a atender prontamente aos repositos que pudessem vir a ser lançados, em prossecução da sua missão de interesse público. Para tanto, rapidamente reorganizou as suas equipas e preparou as infraestruturas, em particular o seu Polo Logístico de Arazede para,



em colaboração estreita com o Infarmed e com a DGS, se posicionou para assumir a recepção, armazenamento e distribuição das várias vacinas, independentemente das exigências técnicas de cada uma. O que o tem feito desde 23 de dezembro de 2020, quase sem falhas.

A operação de vacinação exigiu (e exige) uma logística complexa. Relativamente à recepção, armazenamento e distribuição das vacinas, qual foi o *modus operandi* usado pelo SUCH? E quais foram os principais desafios e incertezas que surgiram?

Cada entidade que integra a *Task Force* tem o seu papel bem definido, sendo, no entanto, crucial a estreita articulação entre cada uma delas. Ao SUCH coube a responsabilidade da Logística (supervisionada pela DGS e pelo Infarmed), e que inclui as funções de planeamento, agendamento, armazenamento e distribuição das vacinas, através das melhores técnicas da logística moderna. Às Administrações Regionais de Saúde (ARS) compete a administração das vacinas.

Sem dúvida que o principal desafio foi, em tão pouco tempo, montar uma estrutura com a dimensão necessária para responder a uma vacinação em massa da população, em todo o país, antecipando as questões que a coordenação da *Task Force* exige em cada momento, de modo a não ocorrerem falhas em nenhuma fase do processo logístico. O que exigiu, e continua a exigir, uma dedicação e uma resiliência extraordinárias das nossas equipas, quer as que se encontram no terreno, quer as que as

apoiam, no sentido de saber transformar os desafios em soluções.

A comunidade de Investigação Operacional (IO) em geral, e a portuguesa em particular, tem diversos trabalhos na área de armazenamento, transporte e distribuição de bens, nomeadamente em ambientes de grande incerteza. Houve aplicação de metodologias de IO nas tarefas do SUCH, no âmbito da operação de vacinação?

Sim, no âmbito da operação logística do processo de vacinação foram aplicadas várias metodologias de IO, nomeadamente, e apenas a título de exemplo, foi desenhada uma ferramenta customizada para a otimização do roteamento das carrinhas que fazem a distribuição das vacinas e uma outra ferramenta que determina a melhor combinação volumétrica de caixas, nas quais eram expedidas as vacinas.

Quais considera terem sido as principais diferenças e novos desafios trazidos pela conjugação das campanhas de vacinação da 3.ª dose e da gripe?

A principal diferença é, desde logo, a exigência das condições de armazenamento e transporte das duas vacinas. Com efeito, a da gripe sazonal está já muito testada e é muito mais simples, porque menos exigente, do que a da COVID-19. Mas tal não impediu que se conjugassem e otimizassem meios e recursos. Acredito que, num futuro não muito longe, a vacina contra a COVID-19 possa vir a integrar o

“(…) NO ÂMBITO DA OPERAÇÃO LOGÍSTICA DO PROCESSO DE VACINAÇÃO FORAM APLICADAS VÁRIAS METODOLOGIAS DE IO, NOMEADAMENTE, E APENAS A TÍTULO DE EXEMPLO, FOI DESENHADA UMA FERRAMENTA CUSTOMIZADA PARA A OTIMIZAÇÃO DO ROTEAMENTO DAS CARRINHAS QUE FAZEM A DISTRIBUIÇÃO DAS VACINAS E UMA OUTRA FERRAMENTA QUE DETERMINA A MELHOR COMBINAÇÃO VOLUMÉTRICA DE CAIXAS, NAS QUAIS ERAM EXPEDIDAS AS VACINAS”

Plano Nacional de Vacinação. E até é possível que ambas venham a integrar apenas uma vacina, sendo que o SUCH estará também preparado para responder a esta nova configuração, se assim vier a verificar-se.

Na sua opinião como pode a IO contribuir para a gestão da situação pandémica atual (ou de futuras pandemias), no que concerne à vacinação (aprovisionamento, distribuição e transporte), à criação de unidades hospitalares (construção de novas unidades de prestação de cuidados a infetados), afetação de pessoal, e criação de reservas estratégicas.

Para além do esperado aperfeiçoamento das aplicações que há pouco referi, é também esperado que o papel da IO possa ser reforçado num dimensionamento mais ajustado e mais *on time* das equipas operacionais (quantos locais e quantas pessoas são necessárias de cada função, por local), ou numa gestão de stocks mais afinada, contribuindo assim para minimizar os riscos de desperdício, por exemplo, por ultrapassagem de datas de validade, entre outras.